



FIERGS

INFORME ECONÔMICO

Ano 21 • Número 06 • 11 de fevereiro de 2019

Nível de atividade industrial gaúcha cresceu 2,6% em 2018

Com otimismo recorde, indústria gaúcha inicia o ano muito confiante

Informalidade predomina no aumento da ocupação do Brasil

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO RIO GRANDE DO SUL

Av. Assis Brasil, 8787 Fone: (051) 3347.8731 Fax: (051) 3347.8795

UNIDADE DE ESTUDOS ECONÔMICOS

www.fiergs.org.br/economia

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista desta Federação. É permitida a reprodução deste texto e dos dados contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

Nível de atividade industrial gaúcha cresceu 2,6% em 2018

O crescimento deve acelerar para 3,9% em 2019.

A atividade da indústria gaúcha evoluiu em 2018 dentro do esperado no final de 2017. De fato, previsto para crescer entre 1,7% e 3,6%, o Índice de Desempenho Industrial (IDI/RS) encerrou o ano com alta de 2,6%.

Com esse crescimento, a atividade da indústria acumulou alta de 3,0% nos últimos dois anos, muito pouco diante dos 18,4% de perdas em três anos de recessão (2014 a 2016). Portanto, o IDI/RS ainda está 12,6% abaixo do nível de 2013 e, no ritmo atual, levará quase sete anos para voltar ao patamar de cinco anos atrás.

O IDI/RS mede o nível de atividade da indústria gaúcha resumindo a evolução de seis variáveis coletadas pela Pesquisa Indicadores Industriais do RS (FIERGS), sendo que quatro delas cresceram em 2018, com destaque para as compras industriais (+10,1%) e o faturamento real (+2,7%). Ante 2017, avançaram ainda, a UCI (+1,6 p.p.), com percentual médio de ocupação de 80,9% em 2018, e o emprego (+0,9%). As horas trabalhadas na produção ficaram estáveis, enquanto apenas a massa salarial real (-1,4%) caiu.

A expansão da indústria gaúcha em 2018 foi assimétrica entre os setores. Dos dezessete pesquisados, nove aumentaram o nível de atividade no ano, sendo que Veículos automotores (+17,1%) respondeu por quase 60% da média. Destaque também para a Metalurgia (+12,0%), Máquinas e equipamentos (+3,1%) Produtos de metal (+2,6%) e Borracha e plásticos (+3,3%). Por outro lado, as quedas mais relevantes vieram de Têxteis (-8,8%), Vestuário e acessórios (-6,6%), Bebidas (-1,7%), Móveis (-0,8%) e Químicos e derivados de petróleo (-0,7%).

O baixo dinamismo da atividade industrial gaúcha refletiu o cenário econômico pouco favorável de 2018. A demanda doméstica foi o principal fator de estímulo, pela redução dos juros e da inflação, pela criação de emprego e pelo crédito menos restrito. Por outro lado, a grande incerteza no quadro político impediu a indústria gaúcha de apresentar um resultado melhor, frustrado ainda por fatores inesperados como a greve dos caminhoneiros e a crise da Argentina.

Para 2019, a atividade industrial deve continuar crescendo: 3,9%, segundo o Balanço econômico de 2018 e Perspectivas 2019 da FIERGS. O cenário mantém o protagonismo da demanda interna, que, além dos fatores referidos, deve se beneficiar da menor incerteza, dos elevados índices de confiança empresarial e dos baixos níveis de estoques. Já as exportações industriais do RS devem ser um fator limitador para o crescimento do setor em 2019, devido à crise econômica na Argentina.

Diante da grave crise fiscal, porém, riscos não são desprezíveis. Mas se o governo conseguir encaminhar as reformas a contento, sobretudo a da Previdência, o processo de recuperação em curso deve, finalmente, ganhar força e, principalmente, sustentabilidade.

Indicadores Industriais do Rio Grande do Sul

(Variações em % – dezembro de 2018)

	Variação %		
	Mês*	Mês ano anterior	Ac. ano
Índice de desempenho industrial	1,1	1,0	2,6
Faturamento real	-1,3	-5,7	2,7
Horas Trabalhadas na produção	2,0	2,1	0,0
Emprego	0,1	0,6	0,9
Massa salarial real	11,3	9,4	-1,4
UCI (em p.p.)	0,6	1,1	1,6
Compras Industriais	-6,1	2,2	10,1

* Dessazonalizado

Índice de Desempenho Industrial (IDI/RS)

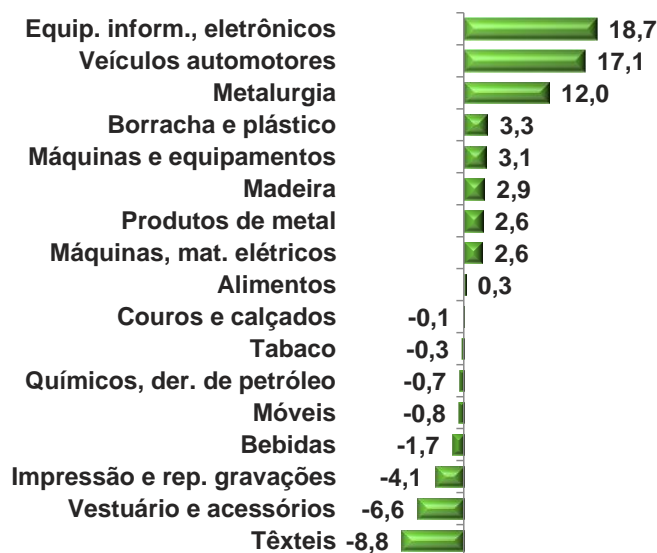
(Variação % em relação à base)



* Previsão

Índice de Desempenho Industrial – IDI/RS – Setorial

(Variação jan-dez 2018/jan-dez 2017 – %)



Fonte: UEE/FIERGS.

Com otimismo recorde, indústria gaúcha inicia o ano muito confiante

O Índice de Confiança do Empresário Industrial gaúcho (ICEI/RS), divulgado pela FIERGS, subiu 1,6 ponto em relação a dezembro, para 67,1 pontos. O industrial gaúcho não demonstrava tanta confiança desde 2010. Tendo como máximo os 100 pontos, o índice acima dos 50, indica presença de confiança.

Pela ótica dos componentes, a alta da confiança no primeiro mês do ano é sustentada pelas expectativas para os próximos seis meses, dado que as avaliações sobre as condições atuais pouco se alteraram.

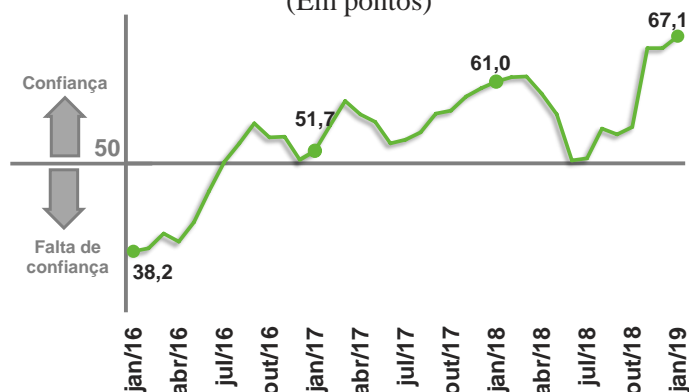
Em janeiro, o Índice das Condições Atuais (ICA) atingiu 56,9 pontos, 0,2 a menos do que dezembro, impactado pelo subcomponente relativo à economia brasileira (ICA-EB), que recuou de 58,0 para 57,5 pontos. O Índice de Condições das Empresas (ICA-E) repetiu dezembro: 56,6 pontos. Acima de 50, os índices revelam que, na avaliação dos empresários, as condições melhoraram nos últimos seis meses.

Com relação às expectativas, os industriais gaúchos nunca mostraram tanto otimismo como em janeiro de 2019. Variando de zero a 100 pontos, indicadores acima de 50 revelam otimismo. Com a alta de 2,4 pontos em relação a dezembro, o Índice de Expectativas para os próximos seis meses (IE), aos 72,2 pontos, atingiu novo recorde da série histórica iniciada em abril de 2005. Também é inédito, o grau de otimismo com o desempenho futuro da economia brasileira: o índice (IE-EB) teve elevação de 2,7 pontos no período e

alcançou 72,0. O Índice de expectativas para as empresas (IE-E) atingiu 72,2 pontos, pontuação que, da mesma forma, ainda não havia sido alcançada.

Impulsionada por uma onda de otimismo em relação à economia brasileira, a confiança da indústria gaúcha disparou com a redução das incertezas após as eleições. Ainda que esse movimento possa ser exagerado, vindo a acomodar nos próximos meses, o setor industrial deve sustentar o elevado nível de confiança se o novo governo confirmar as expectativas dos empresários e avançar nas reformas estruturais necessárias para equacionar a crise fiscal. Isso, combinado com inflação baixa e juros menores, deve consolidar o processo de recuperação cíclica da indústria gaúcha, tornando o cenário mais favorável para investimentos e emprego.

Índice de Confiança do Empresário Industrial do RS (Em pontos)



Fonte: FIERGS.

Informalidade predomina no aumento da ocupação do Brasil

A taxa de desemprego do Brasil foi estimada em 11,6% da força de trabalho no quarto trimestre de 2018, segundo dados da PNAD Contínua divulgados recentemente pelo IBGE. Na comparação com o terceiro trimestre (11,9%), houve recuo de 0,3 ponto percentual. Contudo, em relação ao mesmo trimestre do ano anterior, onde a taxa foi de 11,8%, o quadro se mostrou estável em termos estatísticos, apesar da queda numérica de 0,2 ponto percentual.

A estabilidade na taxa na comparação interanual se deu com a combinação de estabilidade no número de desempregados (contingente passou de 12,3 milhões no final de 2017 para 12,2 milhões ao fim de 2018, mas a variação não foi estatisticamente significativa) e crescimento de 894 mil pessoas ocupadas.

Com a melhora verificada no último ano, o contingente de ocupados chegou a 93,0 milhões no trimestre out-nov-dez/2018, o segundo maior valor da série histórica iniciada em 2012, apenas atrás do trimestre móvel anterior set-out-nov/2018 que atingiu 93,2 milhões.

No entanto, quando se analisa a qualidade dos empregos gerados, o cenário não se mostra muito animador. Dos 894 mil gerados no ano, 792 mil (88,6% do total) foram nas categorias do mercado informal:

setor privado sem carteira (+427 mil), doméstico sem carteira (-2 mil), setor público sem carteira (-19 mil), empregador sem CNPJ (+11 mil), trabalhador por conta própria sem CNPJ (+423 mil) e trabalhador familiar auxiliar (-48 mil).

Já no mercado formal, o saldo foi de apenas 102 mil, com aumento da ocupação no setor público com carteira (+68 mil), militar e funcionário público estatutário (+113 mil), empregador com CNPJ (+113 mil) e trabalhador por conta própria com CNPJ (+227 mil). Em contrapartida, houve perda de 324 mil ocupados no setor privado com carteira e de 95 mil trabalhadores domésticos com carteira.

Portanto, a melhora recente da taxa de desemprego brasileira está muito ligada ao aumento das ocupações no mercado informal, onde são oferecidos salários relativamente mais baixos. Além disso, esses empregos não oferecem nenhuma garantia trabalhista ao empregado e não contribuem com a arrecadação do governo.

A elevada informalidade é uma das principais mazelas da nossa economia, sendo consequência de um mercado de trabalho muito rígido e ambiente de negócios desfavorável aos empresários, principalmente os de menor porte.